

Campus Realengo

Curso de Graduação em Farmácia

Lorena De Souza Braga

**AUTOMEDICAÇÃO
INFLUENCIADA PELAS
REDES SOCIAIS**

Rio de Janeiro

2023

Lorena De Souza Braga

AUTOMEDICAÇÃO INFLUENCIADA PELAS REDES SOCIAIS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Farmácia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Samara Ramalho Matta.

Rio de Janeiro
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Elaborada por Bibliotecária

B813a Braga, Lorena De Souza

AUTOMEDICAÇÃO INFLUENCIADA PELAS REDES SOCIAIS/
Lorena De Souza Braga, Rio de Janeiro, 2023.

35f; 21cm

Orientadora: Profa. Dra. Samara Ramalho Matta.
Trabalho de conclusão de curso (Bacharel em Farmácia) –
Instituto Federal do Rio de Janeiro, 2023.

1. Automedicação. 2. mídia sociais. 3. medicamentos. I. Ramalho
Matta, Samara, **orient.** II. Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia do Rio de Janeiro. III. Título1.

COBIB/CReal CDU

LORENNA DE SOUZA BRAGA
AUTOMEDICAÇÃO INFLUENCIADA PELAS REDES SOCIAIS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto Federal do Rio de Janeiro, como
requisito parcial para a obtenção do grau de
Bacharel em Farmácia.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof^a Dr^a Samara Ramalho Matta
(Orientadora – IFRJ / *Campus* Realengo)

Prof^a Dr^a Elisa Suzana Carneiro Poças
(Membro Interno - IFRJ / *Campus* Realengo)

Prof^a Dr^a Meriane Pires Carvalho Lima
(Membro Interno - IFRJ / *Campus* Realengo)

Rio de Janeiro
2023

AGRADECIMENTOS

Neste momento gostaria de agradecer a Deus por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades.

Agradeço a todos, minha família, parentes e amigos que com seu incentivo me fizeram chegar à conclusão do meu curso e começo de uma nova carreira. Mas em principal, os meus pais, que durante esses 5 anos sempre conseguiram me apoiar de diversas formas.

Quero agradecer aos minha amiga querida, Grazielle, por sua compreensão durante os tempos de ausência ao longo do ano de TCC. Além de ser compreensiva, me presenteou com um afilhado lindo.

Agradeço também a professora Samara Matta, é com muita admiração e carinho que gostaria de expressar meu agradecimento por tudo que você faz por mim e pela dedicação que deposita em suas aulas.

Braga, Lorena De Souza. Automedicação influenciada pelas redes sociais. 35f. Trabalho de Conclusão de Curso. Graduação em Farmácia, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), Campus Realengo, Rio de Janeiro, RJ, 2023.

RESUMO

A automedicação é uma prática comum no Brasil, com 77% da população possuindo hábito de utilizar medicamentos por conta própria. No entanto, esta prática tem múltiplas causas e apresenta vários riscos, incluindo diagnóstico incorreto, escolha do medicamento errado e dependência de medicamentos. As mídias sociais se tornaram uma importante ferramenta para fornecer orientações sobre saúde, inclusive sobre automedicação, com o Brasil ocupando o quinto lugar nas buscas na internet relacionadas à saúde. O uso das redes sociais pode ser arriscado, pois pode divulgar informações infundadas e levar ao uso irracional de medicamentos. É crucial estudar o comportamento da geração mais jovem para prever o melhor método de sensibilização e possíveis impactos no futuro. Este estudo tem como objetivo examinar a prevalência e as causas da automedicação influenciada pelas mídias sociais no Brasil de 2013 a 2023. A metodologia envolve um estudo bibliográfico utilizando orientações teóricas de livros, artigos científicos e páginas da web. A automedicação é uma tendência crescente no Brasil, sendo as mulheres a população mais afetada devido à falta de tempo para consultar o médico e às recomendações dos familiares, principalmente entre as mulheres que são mais vulneráveis a conteúdos com foco estético. Por isso, a comunicação educativa e a publicidade devem ser priorizadas e a metodologia ativa na educação é eficaz na promoção de hábitos saudáveis e no uso adequado de medicamentos.

Palavras-chave: Automedicação; mídia social, uso irracional, uso medicação.

Braga, Lorena De Souza. Self-medication influenced by social media 35f. Course Completion Work. Bachelor in Pharmacy, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), Campus Realengo, Rio de Janeiro, RJ, 2023.

ABSTRACT

Clinical Self-medication is a common practice in Brazil, with 77% of the population practicing it. However, this practice has multiple causes and presents several risks, including incorrect diagnosis, choosing the wrong medication and drug addiction. Social media has become an important tool for providing health guidance, including on self-medication, with Brazil ranking fifth in health-related internet searches. The use of social media can be risky, as it can spread unfounded information and lead to the irrational use of medicines. It is crucial to study the behavior of the younger generation in order to predict the best method of raising awareness and possible impacts in the future. This study aims to examine the prevalence and causes of self-medication influenced by social media in Brazil from 2013 to 2023. The methodology involves a bibliographic study using theoretical guidelines from books, scientific articles and web pages. Self-medication is a growing trend in Brazil, with women being the population most affected due to a lack of time to see a doctor and recommendations from family members, especially among women who use over-the-counter medicines for aesthetic purposes. The Ministry of Health's communication strategy in Brazil was considered deficient in promoting health knowledge and self-care during the pandemic, with little emphasis on promoting self-care. Educational communication and publicity should be prioritized, and active methodology in education is effective in promoting healthy habits and the appropriate use of medicines.

Key words: Self-medication; social media, irrational use, medication use.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANVISA	Agência Nacional de Vigilância Sanitária
CFF	Conselho Federal De Farmácia
MS	Ministério da Saúde
OMS	Organização Mundial da Saúde
SUS	Sistema Único de Saúde

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1: Tabela de artigos utilizados para a revisão

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 MÍDIA SOCIAL	13
1.2 COVID 19 E A <i>FAKE NEWS</i>	14
2. OBJETIVOS	16
2.1 OBJETIVO GERAL.....	16
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	16
2.3 METODOLOGIA	16
3 DESENVOLVIMENTO	17
3.1 O PERFIL DOS INDIVÍDUOS QUE SE AUTOMEDICAM	17
3.2 PROPAGANDA, AUTOMEDICAÇÃO E <i>FAKE NEWS</i>	22
3.3. ATENÇÃO FARMACEUTICA	27
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS	32

1 INTRODUÇÃO

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 1998), a automedicação é a seleção ou o uso de medicamentos (incluindo chás e produtos tradicionais) por pessoas para tratarem doenças autodiagnosticadas ou sintomas sem prescrição ou supervisão de um médico ou dentista. A automedicação, da mesma forma, pode ser definida como o hábito de utilizar medicamentos que não necessitam de receita médica para tratar problemas pontuais, como cólicas, enxaqueca, resfriados, má digestão.

A elevação do risco em utilizar está correlacionado com o tipo de informação que o usuário possui, assim como a sua necessidade do próprio medicamento.

O Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas (Sinitox/Fiocruz) registrou em 2013 cerca de 12 mil casos de intoxicação por medicamentos e 46 mortes, tendo um aumento considerável em letalidade (0,38%) comparado ao ano de 2011(0,18%). A Organização Mundial da Saúde (OMS) estima que cerca de 50% dos usuários de medicamentos o fazem de forma incorreta, e que como consequência os hospitais gastam 15% a 20% de seus orçamentos para resolver complicações derivadas da automedicação (OMS, 2006).

Os fatores que podem contribuir para esse grande número de casos são diversos. Motivos como falta de unidades de saúde próximas ou unidades com pouca estrutura, facilidade com que se encontra e compra medicamentos sem prescrição adequada em farmácias, sendo que a maioria dos medicamentos utilizados pela população é comercialização sem a necessidade de receita médica por ter utilidades mais simples e comuns.

Além de ser habitual se automedicar, também ocorre a recomendação para parentes, vizinhos e amigos. Sendo realizado sem as devidas precauções e orientações.

A automedicação pode ocasionar vários problemas para o indivíduo como: o retardo no diagnóstico ou o diagnóstico incorreto, ocasionado pelo camuflamento dos sintomas acarretando a piora do distúrbio; a escolha do medicamento incorreto e a dosagem e administração incorreta e uso do medicamento por tempo inadequado, gerando dependência ou possibilidade da ocorrência de efeitos indesejados graves. A falta de conhecimento das interações com outros medicamentos pode agravar os

problemas podendo desenvolver reações alérgicas e intoxicações (FERREIRA, F. das C. G. *et al.* 2021).

A automedicação é um problema público que possui múltiplas causas impulsionada pela facilidade de comercialização de medicamentos e propagandas com grandes investimentos em marketing direcionam pessoas a possuir e indicar medicamentos sem motivação. Isso aliado a dificuldade de custeio do serviço de saúde ou a indisponibilidade do atendimento gratuito, constrói pessoas preocupadas e aflitas com a possibilidade de adquirir doenças, recorrendo para meios de informação pouco confiáveis, como a internet e familiares (SILVA, I. M. *et al.* 2011).

Os estudos que abordam a automedicação na adolescência e no início da vida adulta, são cruciais para observar as crescentes mudanças da população, pois apresenta período crucial do desenvolvimento humano, quando os jovens estão mais vulneráveis e propensos a criar hábitos de risco e estão passando por mudanças hormonais, emocionais, físicas e sociais que exigem atenção da saúde e autoridades educacionais para manter a sua saúde (SANTOS, *et al.* 2019).

Em um estudo feito na Holanda, com crianças de 0 a 16 anos, foi constatado que na primeira infância o consumo de medicamentos sem prescrição é muito alto, sendo um dado alarmante. Entretanto, essa média abaixava conforme a idade escolar chegava e possuía um aumento significativo na adolescência, aproximadamente 60% da população em estudo tinha consumido no mínimo, um medicamento, naquele ano (Schirm, *et al.* 2000).

No entanto, baixa tolerância ao sofrimento e as possibilidades de compensação momentâneos e facilidades fazem com que as pessoas busquem medidas ilusórias na medicina. Muitos dos quais são subconscientemente revelados em comerciais e publicidade. A prática da automedicação entre jovens é concreta e preocupante, sendo necessárias políticas públicas de saúde que desenvolvam medidas de prevenção de agravos e hábitos saudáveis (SANTOS, *et al.* 2019).

Visando contribuir, este estudo tem como objetivo conhecer o impacto das redes sociais na automedicação.

Uma pesquisa da Datafolha®, realizada pelo Conselho Federal de Farmácia (CFF), mostrou que a automedicação é realizada por 77% dos brasileiros. Quase 11% dessa população se automedica pelo menos uma vez ao mês e 25% o fazem todo dia ou pelo menos uma vez na semana (CFF, 2020).

1.1 MIDIA SOCIAL

O Brasil aparece em quinto lugar na internet quando se trata de buscas de orientações sobre saúde, incluindo automedicação. Isso muito se inicia pela falha encontrada nos sistemas de saúde ou pela facilidade de encontrar informações de uma forma simples (MACHADO, 2013).

A Internet tornou-se muito importante nos últimos anos, oferecendo às pessoas a oportunidade de utilizá-la como ferramenta através de diversas mídias sociais e, como resultado, tornou-se um símbolo de influência no consumo de produtos, incluindo medicamentos (WOLFF; PEDER, 2021).

Os insumos farmacêuticos podem ser desde medicamentos isentos de receita médica (MIPs), até medicamentos com restrição de receita médica. No entanto, esta prática acarreta riscos para os consumidores, pois a divulgação de medicamentos é teoricamente limitada a determinados canais de mídia social (propagandas) e as prescrições são feitas apenas para profissionais de saúde qualificados (NASCIMENTO; DE PEDER, 2021).

A imagem passada para a sociedade é um intensificador do desejo humano, um reflexo da cultura induzida pela sociedade em contraste com o contexto histórico. Com o avanço da tecnologia, as redes sociais tornaram-se não apenas um meio de comunicação, mas também uma espécie de ambiente que funciona como uma vitrine através da qual se profere o estilo visual correto ou mais atraente (WOLFF; PEDER, 2021).

Com o avanço das redes sociais e a maior democratização da internet se tornou simples achar sites para se ter opinião sobre um assunto determinado (*Youtube, TikTok, Twitter, WhatsApp, Facebook...*). Mas conforme o número de sites informativos foi aumentando mais difícil se torna a seguridade de informações, e mais pessoas conseguem relatar experiências boas e ruins sobre um determinado produto e medicamento, compondo assim um perfil do medicamento, sendo positivo ou negativo.

Com as mudanças que esse novo método de informação possui para o uso irracional de medicamentos é essencial observar as constantes mudanças no perfil

de automedicação da nova geração, que cresceram com diversos avanços do conhecimento em pouco tempo. É necessário estudar o comportamento dessa população para prever o melhor método de conscientização e os possíveis impactos nos próximos anos.

1.2 COVID 19 E A *FAKE NEWS*

Desde o início de 2019, o mundo tem enfrentado uma ameaça global sem precedentes em forma do coronavírus (COVID-19). O vírus, que se espalhou na cidade de Wuhan, na China, rapidamente se espalhou por todo o mundo, afetando milhões de pessoas e causando a morte de centenas de milhares (ORGANIZAÇÃO PAN AMERICANA DA SAÚDE, 2020).

No Brasil, o primeiro caso da Covid 19 diagnosticado ocorreu em janeiro de 2020, o mundo já enfrentava centenas de casos nesse período, fazendo com que o Ministério da Saúde (MS) implementasse diversos mecanismos de enfrentamento. Medidas de distanciamento social, propagandas de informações e bloqueios para tentar conter a disseminação do vírus, mas essas medidas tiveram um impacto significativo na vida das pessoas (ORGANIZAÇÃO PAN AMERICANA DA SAÚDE, 2020).

Com isso, a Covid 19 ou coronavírus, como ficou conhecido, se tornou a principal preocupação e centro dos assuntos propagados nos meios de comunicação. Como uma ameaça nova e muitas incertezas envolvendo o modo como proceder a informação foi um instrumento essencial para disseminar a consciência e acalmar a população. Com isso, foi apresentado um novo obstáculo para a saúde, as diversas formas de propagar informação e o controle da disseminação de informações falsas e nocivas (GALHARDI, C. P. *et. al*, 2020)

As mídias sociais revolucionaram a maneira como acessamos e compartilhamos informações, infelizmente, essa facilidade também trouxe consigo a disseminação de notícias falsas, que são prejudiciais para a sociedade. As chamadas "*Fake news*" são informações sem embasamento, criadas para enganar e manipular o público. As *Fakes news* podem ser disseminadas através de diversos formatos nas redes sociais, como imagens, vídeos ou textos. Além disso, muitas vezes são

compartilhadas em grupos de comunicação que não são facilmente fiscalizados, como é o caso do aplicativo de conversa *WhatsApp* (GALHARDI, C. P. *et al*, 2020).

O impacto dessas notícias falsas pode ser devastador, pois elas podem influenciar na opinião pública, levando a decisões equivocadas. A disseminação de informações falsas também pode afetar a reputação de pessoas e instituições, causando danos irreparáveis. As *Fakes news*, ou notícias falsas, se tornaram um problema de saúde pública nos últimos anos. A facilidade com que informações incorretas podem ser compartilhadas nas redes sociais é alarmante, já que muitas pessoas acabam acreditando em métodos milagrosos sem estudo envolvido ou em fontes falsas.

As *Fake News* geraram pânico e problemas com relação ao uso indevido de medicamentos sem comprovação científica e na adesão da vacina para a população. Promoveram o esgotamento de medicamentos de uso contínuo e com retenção de receita, como cloroquina, utilizado principalmente para o tratamento lúpus e malária, por exemplo, e o antibiótico azitromicina, frequente em infecções respiratórias, respectivamente. Ocorrendo reações ao uso ou complicações com a utilização contínua sem finalidade, tendo a adição de mais uma complicação no tratamento além do próprio coronavírus (TORRES *et al.* 2022).

Visando contribuir, este estudo tem como objetivo conhecer o impacto das redes sociais na automedicação.

Uma pesquisa da Datafolha®, realizada pelo Conselho Federal de Farmácia (CFF), mostrou que a automedicação é realizada por 77% dos brasileiros. Quase 11% dessa população se automedica pelo menos uma vez ao mês e 25% o fazem todo dia ou pelo menos uma vez na semana (CFF, 2020).

A revisão busca compreender os fatores que ocasionam o grande número de automedicação no Brasil, sendo um problema com múltiplas causas, impulsionada por diversos fatores tornando-se um problema de saúde que afeta a sociedade de forma ampla, por ser praticada de forma habitual no dia a dia da população.

Os estudos são necessários principalmente para a população na fase da adolescência e no início da fase adulta (até 24 anos), que possui uma nova perspectiva com o modo de obter dados, pois constroem novos métodos de

informações cada vez mais rápidas e amplas, como por mídias sociais, que mudam hábitos constantemente.

Logo, é fundamental que ocorra uma revisão dos dados adquiridos recentemente para que seja observado mudanças no comportamento, para que seja detectado um parâmetro para essa população. Sendo essencial para melhorar o desenvolvimento acadêmico por citar e organizar diversos dados e autores sobre o tema.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Identificar a prevalência e causas da automedicação influenciada por mídia sociais na população brasileira a partir de uma análise da revisão bibliográfica, tendo como corte temporal de 2013 a 2023.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar a população mais influenciada;
- Identificar as mudanças geradas por esse hábito;
- Fornecer o impacto desse hábito;
- Fornecer à comunidade científica informações atuais sobre automedicação influenciada pela rede sociais.

2.3 METODOLOGIA

O estudo é descrito como um estudo bibliográfico que examina as informações atuais na literatura que podem contribuir para o assunto do estudo.

A pesquisa bibliográfica foi realizada com base na revisão das citações teóricas analisadas e editados em formatos escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos e páginas da web, dentro do período de 2013 a 2023. O trabalho é baseado em artigos, revistas eletrônicas, na base de dados Scielo, Google acadêmico, Lilacs, repositórios online de universidades, revistas científicas e entre outros materiais científicos (FONSECA, 2002).

As palavras chaves utilizadas foram: automedicação, uso medicamentos, uso irracional, e mídia social. A partir dessas palavras foram adquiridas a base inicial para discussão proposta.

Durante a coleta de dados foram analisados 90 artigos, todos relacionados com o tema de automedicação, dentre os artigos encontrados 75 foram eliminados por não entrarem nos critérios necessários para uso da revisão. Foram selecionados 15 artigos para comporem este trabalho de revisão bibliográfica. Estes artigos trazem na leitura do resumo um ponto em comum, que é a observação da automedicação a partir de fontes de informação não confiáveis, caracterizando um uso inadequado da medicação.

3 DESENVOLVIMENTO

3.1 O PERFIL DOS INDIVÍDUOS QUE SE AUTOMEDICAM

O presente estudo foi elaborado acerca da análise de 15 artigos que evidenciam a influência das redes sociais no uso de medicamentos. Possuindo artigos que integram a relação da utilização de medicamentos, os impactos das redes sociais para o consumo irracional, como são transmitidas informações em relação a utilização de medicamentos. A tabela 1 contém os artigos analisados, ano, autores e conclusões.

Tabela 1 – Tabela de artigos utilizados para a revisão

Ano	Autor(s)	Título	Conclusão
2023	PEREIRA, <i>et al.</i>	FAKE NEWSE COVID-19: COMO AS NOTÍCIAS INFLUENCIAM NAS AÇÕES INDIVIDUAIS	O estudo verificou a influência das fake news no enfrentamento individual em meio à pandemia de COVID – 19. Observou-se que informações que geram sensação de segurança, mesmo sem comprovação científica, foram mais aceitas. Existe uma faixa etária específica que acredita um pouco mais em notícias falsas.
2023	OLIVEIRA, <i>et al.</i>	O FENÔMENO DA DESINFORMAÇÃO E A AUTOMEDICAÇÃO: O CASO PARACETAMOL	O paracetamol ficou na 2ª posição com 32% dos medicamentos isentos de prescrição mais consumidos, perdendo apenas para a dipirona com 39% e à frente do

			<p>ibuprofeno com 13% e outros com 16%. Esses dados foram coletados por pessoas que, em sua maioria, possuem ensino superior completo ou em andamento.</p>
2023	FANTAUS, <i>et al.</i>	<p>USO IRRACIONAL DE MEDICAMENTOS: ANÁLISE DO CONTEÚDO VEICULADO NO TikTok SOBRE MEDICAMENTOS E SUPLEMENTOS EMAGRECEDORES</p>	<p>O uso abusivo de medicamentos para emagrecer é um problema de difícil controle, pois está pautado em questões sociais e antropológicas profundamente enraizadas. O que vemos é a estigmatização do tratamento de doenças relacionadas ao excesso de peso. A busca por medicamentos utilizados por esses pacientes para fins estéticos é aceitável e tendência em redes sociais como o Tiktok.</p>
2023	TELES, <i>et al.</i>	<p>USO IRRACIONAL DE MEDICAMENTOS NA PANDEMIA DO COVID-19: REVISÃO INTEGRATIVA</p>	<p>O uso indevido de medicamentos é uma prática comum na sociedade. A automedicação durante o período pandêmico apresentou-se como um risco para a população. Essa prática impacta todo o sistema de saúde, pois os indivíduos podem desenvolver efeitos colaterais e reações adversas e, conseqüentemente, necessitar de internação, onerando o sistema de saúde do país.</p>
2023	FERREIRA, <i>et al.</i>	<p>A COMUNICAÇÃO DE RISCO NAS PLATAFORMAS DIGITAIS OFICIAIS DA PANDEMIA NO BRASIL</p>	<p>A população de outros países tem acesso a sites, blogs, redes digitais e aplicativos. Tem fácil acesso (através de computadores disponíveis nos centros de saúde e outros locais públicos) a uma biblioteca digital de conhecimentos, 'Saúde de A a Z' sobre doenças. Não temos tradição de boas práticas para construção de conhecimento em saúde entre a população.</p>
2022	BONINI, <i>et al.</i>	<p>AUTOMEDICAÇÃO COM BASE NAS INFORMAÇÕES NA INTERNET PANDEMIA DE COVID-19</p>	<p>As mulheres são quem mais acessam a internet para prevenir e evitar doenças. 68% das 508 mulheres entrevistadas praticam a automedicação e 46,3% fazem-no através do Facebook ou da Internet em geral. É necessário educar as pessoas</p>

			sobre os fundamentos da ética e da etiqueta na internet.
2022	PAIVA, <i>et al.</i>	A INFLUÊNCIA DAS MÍDIAS SOCIAIS SOBRE O USO IRRACIONAL DA ISOTRETINOÍNA	O comportamento de quem entra no ciberespaço está sujeito à influência direta ou indireta de toda a gama de informação e desinformação. O perigo surge quando tais influenciadores colocam a saúde do internauta como principal alvo. Sem a orientação de um profissional ou médico e exames para iniciar a terapia, os efeitos adversos podem se tornar irreversíveis.
2022	SOARES, <i>et al.</i>	AS POSSÍVEIS CONSEQUÊNCIAS DO USO TÓPICO DA TRETINOÍNA INFLUENCIADA POR CRIADORES DE CONTEÚDO DIGITAL	. A substância tretinoína de uso tópico é frequentemente indicada na internet com uma abordagem que se refere a um produto cosmético e não a um medicamento rotulado que apresenta efeitos adversos significativos. Como os criadores de conteúdo digital são geralmente percebidos pelas pessoas como indivíduos com capacidade de formar opiniões, torna-se fundamental que o usuário, ao acessar as redes sociais, exerça uma postura crítica.
2021	BOTTÓS, <i>et al.</i>	PANDEMIA DA COVID-19 E SEU IMPACTO NA SAÚDE: A INFLUÊNCIA DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO E O USO INDEVIDO DE MEDICAMENTOS NÃO PRESCRITOS	Os resultados sugerem que as mídias sociais influenciam diretamente no comportamento da população, principalmente nas que possuem um menor nível de escolaridade e maior idade, podendo interferir em questões sérias, como a saúde.
2021	SILVA, <i>et al.</i>	CHÁS E EMAGRECIMENTO: UMA ANÁLISE CRÍTICA DO QUE ESTÁ SENDO RECOMENDADO NOS VÍDEOS DO YOUTUBE	Vários chás indicados para perda de peso foram encontrados para uso isolado ou em combinação. O fato de a maioria dos vídeos ter sido produzida por pessoas que não se identificaram como profissionais de saúde é preocupante. As poucas contraindicações relatadas e a falta de informações sobre possíveis interações entre chás e medicamentos sugerem que a população pode estar exposta a grande risco.
2020	RAMOS, <i>et al.</i>	PERFIL DO USO DE MEDICAMENTOS ENTRE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO EM	A escola como ambiente de formação, tendo a Saúde como tema transversal a ser trabalhado de forma

		UMA ESCOLA DA REDE PÚBLICA DO RIO DE JANEIRO	<p>multidisciplinar, pode funcionar como espaço de promoção da saúde. A automedicação como prática crescente, principalmente entre adolescentes, devido às dificuldades de acesso aos serviços de saúde. Os adolescentes em idade escolar são os mais expostos à influência da publicidade e da internet no uso de medicamentos.</p>
2020	LIMA, <i>et al.</i>	A INFLUÊNCIA DA MÍDIA SOBRE OS MEDICAMENTOS PARA EMAGRECER	<p>O padrão de beleza imposto pelas redes sociais leva a grande maioria a fazer de tudo para se enquadrar nesses padrões. A indústria de medicamentos naturais tem facilidade de compra, tanto em farmácias quanto em fitoterápicos. Um dos estudos apresentados relata falta de prescrição médica. A automedicação sem supervisão de um profissional é um grande perigo. Sendo o público feminino o mais afetado</p>
2020	HENRIQUES, <i>et al.</i>	PROMOÇÃO DO USO RACIONAL DE MEDICAMENTOS NO CONTEXTO DOS 3º E 4º CICLOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	<p>Os estudantes desta modalidade constituem um importante público-alvo para atividades de orientação sobre o uso racional de medicamentos. São, em sua maioria, adultos e idosos, de baixo nível socioeconômico e que fazem uso frequente de medicamentos, principalmente medicamentos isentos de prescrição. A falta de acesso à informação, a incidência significativa de doenças de base nesta faixa etária, bem como a falta de acesso a serviços de saúde de qualidade constituem um cenário que aumenta o risco de uso indevido de medicamentos.</p>
2019	FREITAS, <i>et al.</i>	INFLUÊNCIA DOS PADRÕES SOCIAIS DE BELEZA NO COMPORTAMENTO DE ALUNOS ADOLESCENTES	<p>O ambiente escolar precisa facilitar a inclusão de diversos temas transversais em seu currículo. Os alunos poderão reconhecer suas singularidades e ocupar seus</p>

			lugares e funções na sociedade, com consciência crítica. Eles podem adotar uma posição crítica em relação às influências da mídia na sua qualidade de vida
2019	ARAUJO, <i>et al.</i>	PREVALÊNCIA DE AUTOMEDICAÇÃO ENTRE ADOLESCENTES ESCOLARES DE 15-19 ANOS	Os resultados apontam que um grande Resultados: percentual da população adolescente local pratica a automedicação (64,7%). Conclusão: Pode-se concluir que a prática da automedicação é comum entre os adolescentes estudados

Em todos os artigos analisados se observou que a população feminina possui o hábito de pesquisar sobre o uso de medicamentos sem orientação. Além de mais insatisfeitas com o próprio corpo, as mulheres também são as que mais praticam a automedicação, segundo o Conselho Regional de Farmácia de São Paulo (CRF-SP, 2019).

Segundo OLIVEIRA *et al.* (2023) a pessoa responsável pela compra de medicamentos era do sexo feminino e tinha entre 23 e 28 anos. A maioria tinha ensino superior incompleto e comprava medicamentos uma vez por mês devido a dores ou sintomas fortes. As principais influências para a compra de medicamentos foram a falta de tempo para consultar o médico e as recomendações dos familiares.

Tanto PAIVA *et al.* (2022) quanto SOARES *et al.* (2022), encontraram em sua maioria a população feminina como a mais afetada, sendo o principal público quando se foca na automedicação para fins estéticos, sendo o público que mais consome e pesquisa sobre a área, sendo uma tendência em crescimento.

BOTTOS *et al.* (2021) estudou 363 indivíduos com idade entre 35 e 95 anos, sendo a maioria com idade superior a 60 anos e ensino fundamental incompleto. O estudo constatou que 73,83% dos participantes relataram tomar medicamentos para prevenção, dos quais 86,56% obtiveram tais medicamentos sem prescrição médica. O estudo também encontrou associação estatística significativa entre idade e escolaridade com a prática de automedicação sob influência de mídias sociais.

ARAÚJO *et al.* (2019) conclui após estudar os hábitos de automedicação de adolescentes que os achados são preocupantes no sentido de que o uso de medicamentos sem a devida orientação, relacionado ao baixo conhecimento e capacitação desses jovens, constituem fatores de risco tanto pela qualidade do produto farmacêutico utilizado, como no que diz respeito à armazenamento inadequado em 'farmácias domiciliares', mantido sem orientação profissional e geralmente composto por sobras de medicamentos de tratamentos anteriores, bem como escolha de medicamentos inadequados.

Em corroboração FERREIRA *et al.* (2023) a automedicação também está se tornando cada vez mais comum, com muitas pessoas recorrendo à Internet para obter conselhos sobre como tratar seus sintomas. As mulheres têm maior probabilidade do que os homens de utilizar a Internet para fins relacionados com a saúde, mas também estão conscientes das suas limitações em termos de conhecimento. A emergência do "paciente especialista" levou a uma mudança na dinâmica de poder entre pacientes e médicos, com os pacientes tornando-se mais críticos e potencialmente minando a autoridade dos profissionais médicos. No entanto, é importante que os pacientes possuam atenção no tratamento e nas recomendações do médico para garantir que receba o tratamento adequado.

Ambos os artigos, PEREIRA *et al.* (2023) e FERREIRA *et al.* (2023), demonstraram uma mudança no comportamento do paciente e sua interação com o profissional de saúde, muitas vezes com descrença ou dúvida. O paciente sai do atendimento com dúvidas e não esclarece com o profissional, sendo refém das informações da internet. Evidenciando a dificuldade de direcionar pacientes nos protocolos corretos quando existe um exagerado uso de informações de fontes não confiáveis.

3.2 PUBLICIDADE, AUTOMEDICAÇÃO E FAKENEWS

PAIVA *et al.* (2022) utilizou a Internet para fazer uma investigação e constatou que representa um risco, uma vez que os usuários muitas vezes interpretam a informação como confiável e chegam ao seu próprio diagnóstico. A medicação contraditória ocorre quando os indivíduos utilizam medicamentos sem orientação médica, o que pode levar a complicações. O estudo analisou o uso da hashtag

#roacutan nas redes sociais e constatou que grande parcela dos produtores de conteúdo não possuía formação acadêmica na área temática, o que pode impactar níveis nos hábitos de quem consome o conteúdo. Os influenciadores digitais que promovem o uso da isotretinoína sem orientação médica podem causar efeitos adversos irreversíveis e consequências fatais quando associados a maus hábitos.

SOARES *et al.* (2022) também evidencia o uso de medicamentos utilizados para acne e problemas de pele, e sobre características dos pacientes associados ao aumento do risco de pele com o uso de tretinoína tópica. Os criadores de conteúdo digital que abordam o tema tretinoína geralmente são mulheres através da plataforma de vídeos *YouTube*®, com postagens sobre cuidados com a pele e principalmente compartilhando os benefícios da tretinoína. O estudo enfatiza a importância de adaptar o tratamento tópico com tretinoína para cada paciente e educá-los antes do tratamento. Também é fundamental evitar a automedicação por influência dos criadores de conteúdo digital e buscar orientação de profissionais específicos para o uso correto do medicamento, visto que os conteúdos estudados a maioria não possuem essa recomendação.

FREITAS *et al.* (2019) discute a influência das redes sociais em uma pesquisa realizada com 34 estudantes do segundo ano, com idades entre 15 e 19 anos, para investigar a influência da mídia em suas percepções sobre a imagem corporal e na adoção de práticas pouco saudáveis para alcançar o corpo ideal. O estudo descobriu que os estudantes foram expostos e influenciados por mensagens da mídia que promovem exercício físico excessivo, dietas da moda, uso de suplementos, diuréticos, esteroides anabolizantes e inibidores de apetite. O estudo também constatou que, apesar de intervenções como palestras de profissionais de saúde e discussões sobre os efeitos da mídia na imagem corporal, as atitudes dos estudantes em relação à adoção de práticas pouco saudáveis não mudaram significativamente.

Mas vale ressaltar que SILVA *et al.* (2021) analisou 81 vídeos do *YouTube* relacionados à nutrição constatou que apenas 14,8% foram produzidos por profissionais de saúde. No entanto, os vídeos produzidos por profissionais tiveram visualizações por um dia significativamente superior (3.403) visualizações em comparação com os produzidos por não profissionais (839) visualizações. A relação gosto/não gostei também apresentou maior facilidade para vídeos produzidos por profissionais. A interação dos usuários por meio de comentários também mostrou que

o tema nutrição desperta o interesse das pessoas, sendo que os vídeos produzidos por profissionais de saúde recebem maior participação dos usuários (1.349 comentários por vídeo) em comparação com a experiência por outros profissionais (512 comentários por vídeo). A maioria dos usuários eram mulheres jovens.

FANTAUS *et al.* (2023) distribuiu por gênero os conteúdos relacionados à saúde no *TikTok* é uniforme, com 21 vídeos produzidos por mulheres e 19 por homens. A popularidade da plataforma entre crianças e adolescentes, especialmente mulheres, suscitou preocupações sobre o impacto do seu conteúdo na imagem corporal e nas práticas de automedicação. Os vídeos do *TikTok* muitas vezes promovem padrões corporais inalcançáveis e hábitos alimentares restritivos, levando a um aumento na demanda por medicamentos para perda de peso e procedimentos estéticos. O uso desses medicamentos para perda de peso costuma ser *off-label* e pode levar a eventos adversos, internações hospitalares e mortalidade resultante da automedicação. É essencial considerar o impacto das mídias sociais nas práticas de automedicação e na saúde pública.

Mas também foi observado que embora os vídeos de profissionais da saúde tivessem mais visualizações, poucos eram os vídeos que exemplificavam os riscos do seu uso ou advertências, como por exemplo, a utilização de emagrecedores que poderiam causar interferências em outros medicamentos. A maioria dos vídeos informativos só mostrou, principalmente, os benefícios e seu uso.

Se evidencia uma dificuldade para legitimar o profissional da saúde, embora na maioria das vezes o profissional responsável pelo *post* ou vídeo informativo se apresente com seu número de registro do conselho responsável conhecido pelo público que visualiza, não fica claro se a empresa responsável pela plataforma de mídia promove algum protocolo para impedir fraudes de falsos profissionais, tornando esses vídeos de profissionais perigosos para se obter informações.

No Brasil, a propaganda de medicamentos é regulamentada pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), que estabelece diretrizes específicas para a publicidade de medicamentos. A Resolução da Diretoria Colegiada, RDC nº 96, de 17 de dezembro de 2008 detalha sobre a propaganda, publicidade, informação e outras práticas cujo objetivo seja a divulgação ou promoção comercial de medicamentos. Sendo proibido a exibição de pessoas se passando por profissionais de saúde, usando jaleco e explicando as características do medicamento.

Também são proibidas atitudes onde ocorram o incentivo ao uso do medicamento, associação do produto a propriedades que impressionam os sentidos, tais como “saboroso” ou citar características de palatabilidade ou a utilização para outros fins que não o proposto pelo fabricante do produto como um benefício.

Além disso, todas as características do medicamento devem ser claras e objetivas, nunca utilizando expressões como "absoluta" e "excelente" ou citações que apresentem uma superioridade em relação ao medicamento relacionadas à eficácia, não podendo fazer comparações sem comprovação de estudos científicos, um hábito comum entre não profissionais da saúde e que ocorre bastante em plataformas sociais. Também é proibido a expressões como "Recomendado por especialista", "o mais frequentemente recomendado" ou "Publicidade Aprovada pela Vigilância Sanitária", pelo "Ministério da Saúde", ou mensagem similar referente a órgão congênere Estadual, Municipal e do Distrito Federal.

Indivíduos que não possuem conhecimento especializado em medicina ou farmácia, mas que são amplamente reconhecidos pelo público devido à sua popularidade, relevância ou fama, têm permissão para aparecer em anúncios de medicamentos. No entanto, não são autorizados a declarar que utilizam um determinado medicamento ou a recomendar o seu uso. A sua participação deve se restringir a fornecer informações sobre as indicações e características do produto, e exemplificar as advertências cobradas pela RDC 96/2008.

Para TELES *et al.* (2023) a indústria farmacêutica também utiliza a mídia para divulgar seus produtos, principalmente durante a pandemia, tornando essencial a fiscalização dos profissionais em plataformas de mídia. As redes sociais durante a pandemia incentivaram o uso irracional de medicamentos. Esta descoberta é consistente com pesquisas anteriores que encontraram pessoas recorrendo à automedicação devido à influência da mídia. No entanto, a pandemia ajudou a um aumento de notícias falsas relacionadas com a prevenção ou cura da COVID-19, levando a um aumento na comercialização de medicamentos.

Em contrapartida FERREIRA *et al.* (2023) cita estratégias para prevenir o uso excessivo da Internet durante a pandemia incluem a autorregulação do tempo de uso e a definição de limites para compras online. No geral, embora a Internet forneça um recurso valioso para o acesso a informações relacionadas com a saúde, é importante

que os utilizadores tenham cautela e procurem aconselhamento profissional quando necessário

Para PEREIRA *et al.* (2023) sua pesquisa no ano de 2023 sobre o compartilhamento de *Fake news*, concluiu que aqueles com níveis de escolaridade mais baixos e faixas etárias mais jovens eram os maiores divulgadores, sendo o sexo masculino o sexo predominante. O estudo sugere também que a exposição a conteúdos influentes ou à dependência de plataformas digitais pode levar a mudanças na forma como as pessoas interagem umas com as outras.

FERREIRA *et al.* (2023) estudou o modo como o governo transmitia informações quando utilizava as plataformas digitais. A estratégia de comunicação do Ministério da Saúde durante a pandemia da COVID-19 foi analisada em diversas plataformas de mídia social, incluindo *Twitter*, *YouTube*, *Facebook*, *Instagram* e *Spotify*. No *Twitter*, a maioria das publicações estava relacionada com notícias do dia a dia e autopromoção, enquanto o foco estava nas realizações do ministério e nos dados oficiais no *YouTube*. No *Facebook*, a ênfase foi na promoção do autocuidado, enquanto no *Instagram* o Ministério da Saúde promoveu suas próprias conquistas. O *Spotify* foi a única plataforma focada exclusivamente na promoção do autocuidado por meio do *podcast Health Pause*. No geral, constatou-se que a estratégia de comunicação do Ministério da Saúde é deficiente na promoção do conhecimento em saúde e do autocuidado, com a maior parte do conteúdo centrado na autopromoção e em dados oficiais.

O estudo também constatou ainda que o gênero jornalístico foi numericamente superior, ocupando 77,80% dos conteúdos divulgados, prevalecendo a comunicação informativa sobre a educacional 16,31% e a publicitária 5,89%. O estudo concluiu que a desarticulação da comunicação propositalmente destinada a mitigar a propagação do vírus fez com que o potencial comunicativo das plataformas digitais não obtivesse um desempenho consistente esperado com o contexto em questão. Afirmou ainda que sem o devido apoio comunicativo oficial em nível equivalente às demandas sanitárias apresentadas em uma pandemia, a administração pública deixa espaço para lacunas em orientações essenciais e desinformação que poderiam comprometer o enfrentamento rigoroso da propagação do vírus.

A automedicação no Brasil é um problema de saúde pública que ocorre há muito tempo e continua até hoje devido à falta de informação e conscientização de

campanhas de saúde. O uso de medicamentos isentos de prescrição tornou-se uma tradição, a falta de informação nas bulas e o negacionismo da ciência são temas que desenvolveram altos índices de automedicação. A publicidade de medicamentos é um fator crucial para reverter esta situação, e anúncios mais conscientes, explicativos, baseados em conteúdo claros e objetivos serão eficazes no combate à automedicação. O problema não está apenas das pessoas que praticam a automedicação, mas também na falta de informação e sensibilização para as campanhas de saúde.

3.3 ATENÇÃO FARMACEUTICA

A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) define automedicação como sendo o uso de medicamento sem a prescrição, orientação e/ ou acompanhamento do médico ou dentista, e automedicação responsável é a prática pela qual os indivíduos tratam doenças, sinais e sintomas utilizando medicamentos aprovados para venda sem prescrição médica, sendo estes de eficácia e segurança comprovadas quando utilizados racionalmente (BRASIL, 2001).

A automedicação é uma prática com alto risco, que pode gerar diversos prejuízos, essa prática tem se tornado cada vez mais comum no Brasil. A facilidade com que se encontra a automedicação no dia a dia já mostra indícios claros da importância da conscientização sobre a prática. Sendo amplamente difundida, se tornou um problema de saúde pública.

Os medicamentos que podem ser vendidos sem a necessidade de prescrição, são seguros e contém uma dinâmica de uso mais simples, mas como qualquer medicamento utilizado de modo irracional, pode causar prejuízos a saúde. A facilidade de encontrar a venda de medicamentos que necessitam de prescrição de um profissional sem nenhum tipo de restrição também é um facilitador para a comercialização de alto risco, desvalorizando a visão farmacêutica.

Um elemento essencial para diminuir a automedicação é a conscientização da população, ilustrar os riscos do uso irracional. É necessário fazer uma promoção da saúde sadia, sem causar medo ou negligência. Essa ação é de grande importância, para minimizar riscos de envenenamento como resultado da automedicação,

resistências a classes medicamentosas e camuflagem de doenças. É nesse contexto que a atenção farmacêutica se torna necessária.

O setor farmacêutico tem um papel central na orientação da população, tanto no seu uso como nos seus riscos. O farmacêutico é um profissional que possui facilidade de ser encontrado no dia a dia, tanto no setor hospitalar como em drogarias comerciais, sendo um dos comércios mais comuns de se encontrar.

A atenção farmacêutica se torna importante exatamente nesse momento, pois é na distribuição ou venda desse medicamento que o paciente possui possibilidade de esclarecer dúvidas fora do ambiente do consultório e hospitais, muitas vezes promovendo maior conforto para relatar dúvidas sendo um local de confiança para esclarecer riscos ou benefícios, podendo ser detectados erros e avaliado se é recomendado procurar uma unidade de saúde. A atenção farmacêutica é um dever para o profissional e um direito do paciente, sendo muitas vezes a única oportunidade para esclarecer dúvidas.

Algumas perguntas devem ser feitas aos pacientes sobre os medicamentos solicitados que são: idade, causa da solicitação, duração dos sintomas, uso de outros tratamentos pela articulação, entre outros. Depois de considerar criticamente as informações, o farmacêutico pode indicar alguns medicamentos que não necessitam de prescrição ou, às vezes, orientar o paciente a procurar uma unidade de saúde mais próxima.

Ao fazer uma recomendação ou esclarecer dúvidas sobre um medicamento, é importante ter atenção e cuidado para não incentivar a prática do uso irracional. Quando solicitado auxílio na compra e uso de medicamentos que não necessitam de prescrição, sendo claro em relação a possíveis efeitos.

A falta de comunicação entre profissionais de saúde e pacientes é um fator que contribui para o uso incorreto, levando a efeitos adversos e à não adesão ao tratamento. O uso irracional ou inadequado de medicamentos é um problema global, estimando que mais de metade de todos os medicamentos são prescritos, dispensados ou vendidos podem estar sendo utilizados de forma inadequada.

Fatores socioeconômicos, como baixa renda, estão associados ao consumo de medicamentos, e o surgimento de novos medicamentos com investimento em publicidade agrava o problema do consumo inadequado de medicamentos.

O uso da metodologia ativa na educação tem se mostrado eficaz na promoção da conscientização sobre hábitos saudáveis e no uso adequado de medicamentos. De modo geral, a promoção do acesso e do uso racional de medicamentos, juntamente com a educação e conscientização adequadas, é crucial para enfrentar o problema da automedicação e do uso indevido de medicamentos no Brasil.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A automedicação no Brasil é um problema de saúde pública que ocorre há muito tempo e continua até hoje devido à falta de informação e conscientização de campanhas de saúde. O uso de medicamentos isentos de prescrição tornou-se uma tradição, a falta de informação nas bulas e o negacionismo da ciência são temas que desenvolveram altos índices de automedicação. A publicidade de medicamentos é um fator crucial para reverter esta situação, e anúncios mais conscientes, explicativos, baseados em conteúdo claros e objetivos serão eficazes no combate à automedicação. O problema não é apenas nas pessoas que praticam a automedicação, mas também na falta de informação e sensibilização para as campanhas de saúde.

A automedicação no Brasil é um problema prevalente que afeta pessoas de todas as idades, principalmente mulheres. Os principais motivos da automedicação são a falta de tempo para consultar o médico e as recomendações dos familiares. Pessoas que praticam a automedicação muitas vezes recorrem à Internet para obter conselhos, o que pode levar a medicamentos contraditórios e complicações.

A propaganda de medicamentos nas redes sociais pode representar alguns perigos e desafios, especialmente devido à facilidade de disseminação de informações imprecisas ou enganosas. Para lidar com esses perigos, é essencial que as autoridades regulatórias, como a Anvisa no Brasil, estabeleçam diretrizes

específicas para a publicidade de medicamentos nas redes sociais e garantam a aplicação rigorosa dessas regulamentações.

Muitas vezes, as empresas usam influenciadores ou testemunhos de usuários para promover seus produtos. No entanto, esses testemunhos podem não ser confiáveis e podem não refletir experiências típicas de uso do medicamento. Nas redes sociais, é fácil para indivíduos ou empresas compartilharem informações imprecisas sobre medicamentos, como promessas exageradas de eficácia ou benefícios não comprovados. Isso pode levar a práticas de automedicação perigosas.

Então existe a necessidade de fiscalizar de forma mais específica esse comportamento, visto que plataformas de mídias não são claras sobre a propaganda, mesmo sendo obrigatório por lei, ou não parecem punir os envolvidos de forma proporcional.

O uso das redes sociais e da internet durante a pandemia incentivou o uso irracional de medicamentos e a divulgação de notícias falsas relacionadas à prevenção ou cura da COVID-19, levando ao aumento nas vendas de medicamentos exemplificando como o uso de plataformas de redes sociais podem impactar o comportamento da sociedade.

Esse poder de informação gerou a emergência do “paciente especialista” levando a uma mudança na dinâmica de poder entre pacientes e médicos, com os pacientes tornando-se mais críticos e potencialmente minando a autoridade dos profissionais médicos. No entanto, é importante que os pacientes discutam a sua investigação com o seu médico para garantir que recebem o tratamento adequado e aumenta o senso crítico e a atenção aos detalhes.

O governo e os profissionais de saúde precisam utilizar as redes sociais para informar corretamente a população e combater a automedicação. A distribuição de conteúdos relacionados com a saúde em plataformas de redes sociais como o TikTok levantou preocupações sobre o impacto do seu conteúdo na imagem corporal e nas práticas de automedicação. Campanhas de saúde e propagandas mais conscientes, explicativas e baseadas em conteúdos claros e objetivos serão mais eficazes no combate à automedicação.

Pode-se destacar a importância da atenção farmacêutica na redução da automedicação, na conscientização da população e na ilustração dos riscos do uso irracional. Como é essencial se adaptar aos novos paradigmas da informação ao público leigo.

REFERÊNCIAS

- ABRAHAO, R. Carvalho; GODOY, J. Almeida; HALPERN, R. Automedicação e comportamento entre adolescentes em uma cidade do Rio Grande do Sul. **Aletheia**, Canoas, n. 41, p. 134-153, ago. 2013. Disponível em. acessos em 16 abr. 2023
- AQUINO, D. S. DE.; BARROS, J. A. C. DE.; SILVA, M. D. P. DA . A automedicação e os acadêmicos da área de saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 15, n. 5, p. 2533–2538, ago. 2010.
- Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Parcerias para diminuir o mau uso de medicamentos. *Rev Saude Publica*. 2006;40(1):191-2. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102006000100029>. PMID:16411002.
- Almeida C et al. Levantamento do uso de medicamentos por estudantes do Ensino Médio em duas escolas de Porto Alegre, RS, Brasil. **Ciência & Educação**, Bauru. 2012;18(1):215-30.
- ARAÚJO, L; S. ANGEIRAS DE GOES, P. Prevalência de automedicação entre adolescentes escolares de 15-19 anos. **Anais da Faculdade de Medicina de Olinda**, [S. l.], v. 1, n. 4, p. 19–24, 2019. DOI: 10.56102/afmo.2019.106. Disponível em: <https://afmo.emnuvens.com.br/afmo/article/view/106>. Acesso em: 1 dez. 2023.
- BONINI, M; MEDINA, G; SILVA, E. N da; BONINI, L; PIEBER, L. AUTOMEDICAÇÃO COM BASE NAS INFORMAÇÕES NA INTERNET NA PANDEMIA DE COVID-19. **Revista Desafios**, São Paulo, ano 2022, v. 09, n. 02, 11 maio 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.20873/uftv9-11924>. Acesso em: 1 dez. 2023.
- BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Consulta Pública nº 95, de 19 de novembro de 2001**. Disponível em: Acesso em: 23 maio 2023.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Resolução – RDC/ANVISA nº 96, de 17 de dezembro de 2008.

Brasil. Ministério da Saúde (MS). *Orientações para retomada com segurança* [Internet]. 2020 [acessado 2023 Jul 20]. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/orientacoes-para-retomada-com-seguranca>
» <https://coronavirus.saude.gov.br/orientacoes-para-retomada-com-seguranca>

Chofakian CBN, Moreau C, Borges ALV *et al.* *Contraceptive discontinuation: frequency and associated factors among undergraduate women in Brazil. Reprod Health.* 2019;16(131).

CONSELHO FEDERAL DE FARMÁCIA. **Atuação do Farmacêutico**. Brasília, 2011.

FANTAUSS, S. S. **Uso irracional de medicamentos: análise do conteúdo veiculado no TikTok sobre medicamentos e suplementos emagrecedores**. Orientador: Roberta Dorneles Ferreira da Costa. 2023. 44 p. Monografia (Graduação em Farmácia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2023. DOI <http://hdl.handle.net/10183/265224>. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/265224/001177274.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 1 dez. 2023.

FERREIRA, F. das C. G.; LUNA, G. G. de; IZEL, I. C. M.; ALMEIDA, A. C. G. de. O impacto da prática da automedicação no Brasil: Revisão Sistemática/ *The impact of the practice of self-medication in Brazil: Systematic Review. Brazilian Applied Science Review*, [S. l.], v. 5, n. 3, p. 1505–1518, 2021. DOI: 10.34115/basrv5n3-016. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BASR/article/view/31242>. Acesso em: 17 apr. 2023.

FERREIRA, et al. Comunicação de risco na mídia digital oficial da pandemia no Brasil. **Rev. Cuba. informação. ciência. saúde**, Havana, v. 34, e2101, 2023. Disponível em <http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2307-21132023000100005&lng=en&nrm=iso>. acesso em 01 de dezembro de 2023. Epub em 15 de maio de 2023.

FONSECA, J. J. S. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FREITAS, R. S. **INFLUÊNCIA DOS PADRÕES SOCIAIS DE BELEZA NO COMPORTAMENTO DE ALUNOS ADOLESCENTES**. Orientador: Dra. Ana Cláudia Sales Rocha Albuquerque. 2019. 65 f. Monografia (Mestrado Profissional em Ensino de Biologia) - Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, Rio Grande Do Norte, 2019.

GALHARDI, C. P. et al.. Fato ou Fake? Uma análise da desinformação frente à pandemia da Covid-19 no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, p. 4201–4210, out. 2020.

HENRIQUES, et al. PROMOÇÃO DO USO RACIONAL DE MEDICAMENTOS NO CONTEXTO DOS 3º E 4º CICLOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS. **Revista Ciência Plural**, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 44–65, 2020. DOI: 10.21680/2446-7286.2020v6n2ID20514. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/rcp/article/view/20514>. Acesso em: 1 dez. 2023.

LIMA, R. R.. **A INFLUÊNCIA DA MÍDIA SOBRE OS MEDICAMENTOS PARA EMAGRECER**. Orientador: Dr. Paulo Cilas Moraes Lyra Júnior. 2020. 37 p. Monografia (Bacharelado em Farmácia) - Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA, Rondônia, 2020. Disponível em: <https://repositorio.unifaema.edu.br/bitstream/123456789/2838/5/RAFHAELA%20RIBEIRO%20LIMA.pdf>. Acesso em: 1 dez. 2023.

NUNES, AL de M. .; VILELA, SS; SIQUEIRA, L. da P. Automedicação em crianças e adolescentes por influência parental: uma revisão integrativa. **Investigação, Sociedade e Desenvolvimento**, [S. l.], v. 11, n. 14, pág. e534111436741, 2022. DOI: 10.33448/rsd-v11i14.36741. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/36741>. Acesso em: 17 abr. 2023

Oliveira, A. Feitosa; Santos, D. Batista. **O fenômeno da desinformação e a automedicação: o caso paracetamol**. São Cristóvão, 2023. Monografia (graduação em Publicidade e Propaganda) – Departamento de Comunicação Social, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2023.

ORGANIZAÇÃO PAN AMERICANA DA SAÚDE (América). **Folha informativa sobre COVID-19: Histórico da pandemia de COVID-19**. [S. l.: s. n.], 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: 15 out. 2023.

PAIVA, E. C. de; SANTOS, G. V. B. dos.; COÊLHO, A. G. A influência das mídias sociais sobre o uso irracional da isotretinoína. **Revista de Casos e Consultoria**, [S. l.], v. 14, n. 1, p. e31000, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/casoseconsultoria/article/view/31000>. Acesso em: 1 dez. 2023.

PEREIRA, F. G. Fernandes *et al.* Automedicação em adolescentes da rede estadual de ensino na cidade de Picos/Piauí. **Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental**, v.11, n. 1, p. 59- 66, jan./mar. 2019.

Pereira S. N. A.; Nunes L. M. P.; Mata J. A. da S.; Perini G. B.; Lamim A. B. B.; Bonini L. M. de M.; Júdice W. A. de S. Fake news e COVID-19: como as notícias influenciam nas ações individuais. **Revista Eletrônica Acervo Científico**, v. 45, p. e13404, 13 set. 2023.

RAMOS, T. B.; CASTILHO, S. R. de. Perfil do uso de medicamentos entre estudantes do ensino médio de uma escola pública do rio de janeiro: *drug use profile among high school students of a public school in rio de janeiro*. **Revista Contexto & Saúde**, [S. l.], v. 21, n. 44, p. 10–22, 2022. DOI: 10.21527/2176-7114.2021.44.10950. Disponível em: <https://revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoesaude/article/view/10950>. Acesso em: 18 abr. 2023.

Rajmil L, Ruiz C, Segu JL, Fernandez E, Segura A. *Factores asociados al consumo de medicamentos en la población infantil*. **Med Clin (Barc)**. 2000;114(6):214-6

SANTOS, E. S. P; ANDRADE, C. M.; BOHOMOL, E. Prática da automedicação entre estudantes de ensino médio. **Cogitar enferm.**, Curitiba, v. 24, e61324, 2019 . Disponível em. acessos em 17 abr. 2023. Epub 13-Dez2019. <http://dx.doi.org/10.5380/ce.v24i0.61324>.

Schirm E, van den Berg P, Gebben H, Sauer P, De Jongvan den Berg L. *Drug use of children in the community assessed through pharmacy dispensing data*. *Br J Clin Pharmacol*. 2000;50(5):473-8. DOI: 10.1046/j.1365- 2125.2000.00275.x

Shehnaz SI et al. *A systematic review of self-medication practices among adolescents*. **The Journal of Adolescent Health**. 2014;55(4):467-83.

Spellberg B, Guidos R, Gilbert D, Bradley J, Boucher HW, Scheld WM, et al. The epidemic of antibiotic-resistant infections: a call to action for the medical community from the Infectious Diseases **Society of America**. **Clin Infect Dis**. 2008;46:155–64.

SILVA, R. R. e; ABREU, P. A. CHÁS E EMAGRECIMENTO: UMA ANÁLISE CRÍTICA DO QUE ESTÁ SENDO RECOMENDADO NOS VÍDEOS DO YOUTUBE. **Revista Saúde e Meio Ambiente**, UFMS, ano 2021, v. 12, ed. 1, 13 abr. 2021. DOI <https://orcid.org/0000-0003-2204-3012>. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/sameamb/article/view/11731>. Acesso em: 1 dez. 2023.

SILVA, J. Gama et al. A prática da automedicação em crianças por seus pais: atuação da enfermagem. **Revista de Enfermagem UFPE on line**, [S.l.], v. 12, n. 6, p. 1570-1577, jun. 2018. ISSN 1981-8963. Disponível em: . Acesso em: 16 abr. 2023. doi:<https://doi.org/10.5205/1981-8963- v12i6a230779p1570-1577-2018>.

SILVA, I. M. et al.. Automedicação na adolescência: um desafio para a educação em saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 16, p. 1651–1660, 2011.

Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas. Evolução dos casos registrados de intoxicação humana por agente tóxico [Internet]. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz; 2009 [citado em 2017 set 20]. Disponível em <http://sinitox.icict.fiocruz.br/dados-nacionais>.

SOARES, L. S. S; OLIVEIRA, M. K. P; FULCO, T. O. AS POSSÍVEIS CONSEQUÊNCIAS DO USO TÓPICO DA TRETINOÍNA INFLUENCIADA POR CRIADORES DE CONTEÚDO DIGITAL. **Revista Episteme Transversalis**, Volta Redonda-RJ, v. 12, n. 2, p. 22-44, 2021.

TELES, M. C. B. de A.; SILVA, M. A.; NERI, F. S. M. USO IRRACIONAL DE MEDICAMENTOS NA PANDEMIA DO COVID-19: REVISÃO INTEGRATIVA. **Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR**, [S. l.], v. 27, n. 6, p. 2805–2816, 2023. DOI: 10.25110/arqsaude.v27i6.2023-042. Disponível em: <https://ojs.revistasunipar.com.br/index.php/saude/article/view/10289>. Acesso em: 2 dez. 2023.

TORRES , G. B. L. .; NEVES, K. A. das .; CUNHA , C. N. da .; SILVA, J. R. da .; LIMA , J. M. da S. .; ALVES , D. R. . Os riscos da automedicação de hidroxiclороquina e ivermectina como tratamento da Covid-19 no período pandêmico: revisão de literatura. **E-Acadêmica**, [S. l.], v. 3, n. 2, p. e4332208, 2022. DOI: 10.52076/eacad-v3i2.208. Disponível em: <https://www.eacademica.org/eacademica/article/view/208>. Acesso em: 19 dez. 2023.

Zamuner, C. P. (2006). Prefeitura do Município de Tietê Secretaria Municipal de Saúde Vigilância Sanitária e Epidemiológica. Cuidado com os medicamentos. Disponível em: <http://www.tiete.sp.gov.br/default.asp?CID=62> Acessado em: < 07 de abril de 2023>

Zanini M et al. Uso de contraceptivos e fatores associados entre adolescentes de 15 a 18 anos de idade em Unidade de Saúde da Família. **Revista de Medicina**. 2017;96.

WOLFF, Fernanda do Nascimento; PEDER, Leyde Daiane. A INFLUÊNCIA DAS MÍDIAS SOCIAIS NO USO DE MEDICAMENTOS. **Visão Acadêmica**, Curitiba, v. 22, n. 3, Setembro 2021.